

O CINEMA COMO ARTE

1.1 O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO CINEMA

É difícil para nós, que estamos tão acostumados com as produções cinematográficas, imaginar uma época em que o cinema não existia. Em 19 de março de 1895 os irmãos Lumière começaram as produções do primeiro filme da história do cinema “*A saída da fábrica Lumière*”¹ e em 28 de dezembro de 1895 o público reagiu de forma espantosa ao se deparar com a projeção do filme “*A chegada do trem*”² (FRESQUET, 2013). Ao longo dos anos, rapidamente o cinema foi ganhando forma, estrutura narrativa, som, cor e efeitos técnicos, dando origem à linguagem cinematográfica que conhecemos hoje.

O cinema começou a ser desenvolvido no começo do século XX, e por volta de 1895 ele ainda não possuía o seu próprio código e passava por uma fase de transformação. O processo de desenvolvimento do cinema inclui uma série de invenções que foram muito importantes para o seu nascimento, Costa (2005, p. 92) alega que esses “Inúmeros eventos procuravam aprimorar as técnicas de animação e projeção de imagens em movimento”. A primeira dessas invenções foi o Praxinoscópio (aparelho capaz de projetar em uma tela imagens desenhadas sobre fitas transparentes) criado por Charles-Émile Reynaud em 1877.

Figura 1 - Praxinoscópio



Fonte: Art Info, 2012.

Logo após foi feito o Zoopraxinoscópio (Máquina onde as imagens possuíam um movimento realístico, permitia filmar o movimento natural dos animais) criado por Eadweard Muybridge em 1878.

Figura 2- Zoopraxinoscópio



Fonte: ArtArte, 2013.

¹ Curta metragem com 45 segundos de duração dirigido por Louis e Auguste Lumière.

² Curta metragem com 55 segundos de duração dirigido por Louis e Auguste Lumière.

Em seguida, foi criada a câmera KODAK (primeira máquina fotográfica de rolo de filme) criada por George Eastman em 1888.

Figura 3 - Câmera Kodak



Fonte: Queimando Filme, 2013.

O Bioscópio (um aparelho primitivo usado como projetor de filmes) foi apresentado em 1885 pelos irmãos alemães Max e Emil Skladanowsky. De acordo com Costa (2006, p. 19) “Dois meses antes da famosa apresentação do cinematógrafo Lumière, os irmãos Max e Emil Skladanowsky fizeram uma exibição de 15 minutos do Bioscópio, seu sistema de projeção de filmes, num grande teatro de vaudeville em Berlim”.

Figura 4 - Bioscópio



Fonte: Literatura Brasil, 2013.

No final do século XIX, uma invenção foi decisiva para impulsionar o nascimento do cinema: o cinetoscópio, invenção patenteada por Thomas Edison. Araújo (2017, n.p) caracteriza “O equipamento em si se tratava de uma câmera, capaz de sensibilizar uma película de celuloide de 35mm de largura e com quatro perfurações de cada lado do fotograma. A caixa era dotada de uma manivela que por sua vez, era acoplada a um fonógrafo.”

Figura 5 - Cinetoscópio



Fonte: Cinetoscópio, 2017.

Os irmãos Lumière aperfeiçoaram o Cinetoscópio, e criaram o cinematógrafo (aparelho que funcionava como câmera e projetor). Essa invenção foi decisiva para o nascimento do cinema, e fez dos irmãos Lumière os responsáveis pela criação da sétima arte.

Figura 6 - Cinematógrafo



Fonte: Arteiros, 2016.

Com o cinematógrafo foi feito o primeiro filme da história do cinema “*A saída dos operários da fábrica Lumière*” de 1895. Nessa fase, o cinema era realizado a base de tomadas, quase não havia uma intenção de roteiro. Costa (2006, p. 20) alega que:

Algum tempo depois os irmãos Lumière se depararam com um competidor na produção cinematográfica, o cineasta George Méliès. Méliès foi um nome muito importante para o cinema, pois ele produziu o filme “*A viagem a Lua*³” de 1902 que foi a primeira obra cinematográfica que incluía roteiro e elementos como iluminação, figurino e maquiagem, locação e atuação. Além disso, o filme “*A viagem a Lua*” é considerado o primeiro do gênero ficção científica da história do cinema. Costa (2005, p. 94) assevera que “Acostumado aos efeitos especiais, Méliès consegue inventar uma série de trucagens que tornaram evidentes as possibilidades do cinema de criar ilusões óticas”.

De 1908 até 1927 ocorreu à fase do cinema mudo de Hollywood, a ênfase apresentava-se no desenvolvimento das imagens em movimento. Essa foi uma fase de muitas experimentações para o cinema. Isso porque os filmes não tinham uma estrutura estabelecida (CARVALHO, 2017).

Em 1915 D.W. Griffith dirigiu “*O nascimento de uma nação*”⁴ que marcava o início da era clássica do cinema. Os filmes então começavam a contar uma história e ter uma estrutura bem definida. A partir daí, os filmes passaram a ser definidos como “longa-metragem”. Ou seja, as películas deveriam ter duração mínima de 70 minutos, caso a duração fosse menos que essa, deveriam ser chamados de “curta-metragem”. Costa (2006, p. 50) enfatiza que “Em 1917, o cinema estava livre da dependência de outras mídias. Aliás, agora, o cinema era a mídia mais importante do século XX. E o cinema hollywoodiano estava chegando”.

Os precursores no processo de desenvolvimento do cinema eram franceses e norte-americanos. Apesar disso, de acordo com Baxter et al (2016, p. 18) “Foi na Alemanha que primeiro o cinema se tornou arte”. Em 1919 nasce o expressionismo alemão, um movimento cinematográfico que teve como pano de fundo o final da primeira guerra

³ O filme possui 12 minutos de duração e faz o relato de uma expedição lunar. Viagem à lua foi o primeiro filme inspirado em romances científicos de Julio Verne e H. G. Wells.

⁴ A obra é baseada no romance *The Clansman* de Tomas Dixon Jr e narra à história de duas famílias durante a Guerra de Secessão e posteriormente a reconstrução dos Estados unidos.

mundial. Em uma Alemanha arrasada e arruinada pela guerra, curiosamente, havia uma grande expansão da indústria cinematográfica, isso fez com que o cinema alemão tivesse apoio de seu governo. Em relação a essa fase do cinema, Baxter et al (2006, p. 19) afirma que:

Em 1927 o cinema tem um grande avanço: o primeiro filme com falas da história do cinema. Assim, nasce a fase do cinema sonoro. O primeiro filme falado era “*O cantor de Jazz*”⁵. Essa não foi à primeira produção a utilizar-se do som. Outras obras antes desta, utilizavam o som para composição da obra, mas “*O cantor de Jazz*” foi o primeiro filme que possuía uma estrutura de diálogo (HAUSSEN, 2008). Apesar da aparente importância dessa nova fase do cinema, muitos cineastas se rebelaram contra a chegada do cinema sonoro. Sobre essa questão, Morin (1989, p. 11) afirma que:

Daí em diante o cinema avançava cada vez mais. Em 1939 o público se surpreendia com as cores dos filmes “*O mágico de oz*”⁶ e “*E o vento levou*”⁷. A partir disso, as obras cinematográficas tinham som e cor, o cinema se tornava cada vez mais realístico, conquistando novas técnicas com o avanço da tecnologia, surpreendendo o telespectador com efeitos visuais e especiais.

Hoje o cinema é cheio de técnicas que são usadas para passar o maior realismo possível. A cada ano essas técnicas são aperfeiçoadas, tornando a experiência de quem assiste a um filme cada vez mais realista. Costa (2005, p. 95) discute sobre a criação do cinema, e afirma que “Trata-se de uma criação importante, que passou a alimentar o imaginário do homem moderno e a produção cultural dos mais diferentes países”. Assim, o cinema faz parte do cotidiano de grande parte das pessoas, transmitindo novas ideias, sensações, informações e percepções.

1.2 PRINCIPAIS ELEMENTOS TÉCNICOS DO CINEMA

Conhecer e entender os principais elementos técnicos do cinema é compreender sobre a produção cinematográfica, e essa compreensão nos possibilita aproveitar muito mais do que superficialmente um filme nos oferece. A partir do momento que enxergamos o cinema como arte e adquirimos conhecimento sobre sua linguagem, passamos a potencializar nossa capacidade de compreensão de uma obra cinematográfica, e então, é possível ler um filme, pois sua linguagem técnica nos transmite novas ideias, informações e sensações sobre aquilo que estamos assistindo.

Quando vemos um filme na tela do cinema, estamos diante de um produto, uma obra de arte produzida não só pelas mãos de um artista, mas sim de vários. Sendo assim, o cinema é antes de tudo uma arte coletiva. Não se faz cinema sozinho.

Para fazer cinema é necessária uma equipe, cada uma dessas pessoas é responsável por uma determinada função que será vital para a produção do filme. Algumas dessas funções são indispensáveis e de extrema importância para a criação de um filme: roteiro, planos e enquadramentos, edição e montagem, som, figurino e maquiagem e cenografia.

⁵ Filme de 1927, dirigido por Alan Crosland. Al Jolson, protagonista do filme, foi o primeiro ator a falar e cantar em um filme. O roteiro é baseado em uma peça de teatro de mesmo nome. Venceu o Oscar especial por sua excelente produção e por revolucionar a indústria cinematográfica.

⁶ Filme de 1939 dirigido por Vitor Fleming. Recebeu o Oscar de melhor canção original e melhor trilha sonora.

⁷ Filme de 1939 dirigido por Vitor Fleming. A obra é baseada no livro de mesmo nome da autora Margareth Mitchell. O vento levou recebeu 13 indicações ao Oscar, e se tornou o segundo filme com mais indicações ao prêmio. Foi premiado com o Oscar de Melhor filme, melhor direção, melhor atriz, melhor roteiro adaptado, melhor edição, melhor fotografia, melhor direção de arte, e melhor atriz coadjuvante. Hattie McDaniel se tornou a primeira atriz negra a ser indicada e a vencer o Oscar de melhor atriz coadjuvante por seu papel em O vento levou.

1.2.1 Roteiro

O roteiro é a parte escrita daquilo que você vê em cena. Muitas vezes, de acordo com o estilo do filme, não prestamos tanta atenção no roteiro, pois voltamos nossos olhares apenas para os efeitos especiais e visuais, para o ator ou atriz, para os monstros e criaturas fictícias que prendem a nossa atenção, e acabamos nos esquecendo de analisar se a narrativa do filme faz sentido e é coerente, se a história contada é boa ou ruim. Um roteiro bem escrito, sólido e inteligente pode ser considerado a alma de um filme.

No livro “*Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico*” Syd Field explica detalhadamente o que é um roteiro, suas partes e sua estrutura, que pode ser linear ou não linear.

O roteiro ainda é dividido no que é chamado de “atos”. O primeiro ato é onde a história é apresentada. Essa é uma parte muito importante, pois é através dela que conhecemos a premissa da história e descobrimos sobre o que ela se trata. É nesse ato que os personagens principais, aqueles que serão responsáveis por conduzir a história, são apresentados ao telespectador. É durante os primeiros 30 minutos de filme que decidimos se aquela história nos chama a atenção ou não, por isso, o primeiro ato de um filme deve prender o telespectador e o fazer criar um grande interesse pela narrativa (FIELD, 1995).

No segundo ato ocorre à confrontação, é nele que o personagem ou os personagens principais irão passar por diversos obstáculos e dificuldades. Todo personagem deve passar por um conflito, e é nesse ato que o conflito, o drama vivido por ele nos é apresentado. Os desafios são evidenciados e resta ao protagonista tentar achar uma saída para vencê-los ou não. Na visão de Guimarães (2009, p. 47) “O segundo ato durará o tempo necessário para que o personagem consiga conjugar plenamente seu verbo, levando a bom termo, ou não, a sua ação principal. Haverá um momento especial em que confrontará de alguma forma, com maior dificuldade ou oposição e a superará ou não”.

No terceiro ato, ocorre a resolução da história. É nele que o personagem irá solucionar ou não seus problemas e adversidades. O ato final pode ser considerado o mais importante dos três, pois se o desfecho dessa história for mal escrito e deixar algumas “pontas soltas” de nada adianta um bom primeiro e segundo ato, nesse caso ocorre à sensação de “obra mal acabada”, além disso, o final de um filme pode determinar se o telespectador gostará ou não dele (FIELD, 1995).

Alguns filmes se destacaram por possuir um roteiro brilhante e muito bem escrito, como por exemplo: “*Casablanca*⁸” de 1942 dirigido por Michael Curtiz e “*Pulp fiction – Tempo de violência*⁹” de 1994 dirigido por Quentin Tarantino. Ambos os filmes foram premiados com um Oscar de Melhor roteiro.

1.2.2 Planos e enquadramentos

Podemos definir os planos e enquadramentos como um dos elementos mais complexos da linguagem cinematográfica. Os planos e enquadramentos envolvem a realização do uso da câmera, e as diferentes maneiras de capturar os cenários, os atores e os espaços.

⁸ Casablanca foi realizado no auge da Segunda Guerra Mundial. O filme é baseado na peça “Todo mundo vem ao café de Rick” de Murray Burnett e Joan Alison. Além de ser premiado com o Oscar de melhor roteiro adaptado, o longa recebeu o Oscar de melhor filme e melhor diretor. No ano de 2005 entrou para a lista da revista Time como um dos 100 melhores filmes dos últimos 80 anos.

⁹ Pulp Fiction: Tempo de violência possui uma narrativa não linear e conta três histórias diferentes, mas que estão ao mesmo tempo ligadas. O filme foi indicado a 7 Oscar, levando o de Melhor roteiro original, e também foi premiado com a Palma de Ouro do festival de Cannes (um dos maiores festivais de cinema do mundo). Além de ter uma narrativa não linear, Pulp Fiction é dividido em sete capítulos.

Dessa forma, podemos analisar que as práticas do uso da câmera, são essencialmente fundamentais na construção de um filme, colaborando para que a história seja contada, dando sentido a ela. Por isso, os planos e enquadramentos são técnicas essenciais na elaboração de uma obra cinematográfica. Entender o uso dessas técnicas nos permite adquirir novas informações sobre o filme, possibilitando-nos uma visão muito mais ampla daquilo que estamos assistindo.

Após termos o roteiro de um filme nas mãos, o próximo passo será colocar em cena aquilo que está no papel. Mas, como podemos fazer isso? Antes de definir o que é plano e enquadramento, é necessário explicar o conceito de três termos: **tomada, cena e sequência**. A tomada diz respeito a tudo aquilo que for registrado pela câmera. Já a cena é uma sequência de planos, em uma mesma locação. A cena é o que determina o lugar ou o cenário em que acontece a ação. E a sequência é um conjunto de cenas unidas à narrativa (BELLOTTI, 2015). De acordo com Vanoye e Goliot-Lété (2005, p. 38) a sequência é “conjunto de planos que constituem uma unidade narrativa definida de acordo com a unidade de lugar ou de ação”.

No livro “*A linguagem cinematográfica*” Marcel Martin explica detalhadamente o que são os planos e os enquadramentos. Sobre os enquadramentos, Martin (2003, p. 44) enfatiza que “Constituem o primeiro aspecto da participação criadora da câmera no registo que faz da realidade exterior para transformá-la em matéria artística. Trata-se da composição do conteúdo da imagem.” Em resumo, o enquadramento é a forma que o diretor estrutura cada fragmento de realidade que irá aparecer em tela. É a partir do enquadramento que será possível deixar determinado elemento fora da tela, ou exibir exclusivamente um detalhe relevante e que possui um valor simbólico para a cena. Martin (2003, p. 45) ainda acrescenta dizendo que é a partir do enquadramento que se torna possível “Modificar o ponto de vista normal do telespectador”. O plano é o que compõe o enquadramento, pois é a distância entre a câmera e o que será filmado.

Existem diversos tipos de planos no cinema, os mais utilizados são: Plano geral, plano médio, plano conjunto, plano americano, plano detalhe e o primeiríssimo plano. Sobre a finalidade de cada plano, Cruz (2011, p. 69) alega que “A maior parte dos planos não tem outra finalidade senão a comodidade da percepção e a clareza da narrativa”. O diretor¹⁰ é livre para escolher qual o tipo de plano ele irá usar em uma determinada sequência. Em relação a isso, Martin (2003, p. 47) assevera que:

A escolha do plano é condicionada pela clareza necessária à narrativa: deve haver adequação entre o tamanho do plano e seu conteúdo material, por um lado (o plano é tanto maior ou próximo quanto menos coisas há para ver), e seu conteúdo dramático, por outro (o tamanho do plano aumenta conforme sua importância dramática ou sua significação ideológica).

O plano geral é um plano aberto, que permite ao telespectador enxergar o máximo possível do cenário do filme. Nesse plano a câmera fica distante dos personagens. Cruz (2011, p. 70) enfatiza que o plano geral serve para “Restabelecer a localização da cena depois de uma sequência de planos fechados. Nesse sentido, uma sequência que tem lugar dentro de casa deve ser antecedida por um plano geral exterior para estabelecer a localização e não confundir o espectador”.

¹⁰ O diretor, também chamado de cineasta, é considerado o realizador de uma obra cinematográfica. Apesar de um filme ser produzido por vários profissionais é o diretor quem assina a obra e executa a visão geral de um filme. É o diretor quem irá definir o estilo e a estrutura de um filme. Além disso, ele tem a responsabilidade de coordenar várias atividades de criação, como a cinematografia, a trilha sonora, a atuação dos atores, e inúmeras outras atividades artísticas necessárias para a produção de um filme. Em termos gerais, a principal incumbência dê um diretor de cinema é dedicar-se a coordenar todas as contribuições e colaborações de vários artistas.

No plano médio os atores são enquadrados da cintura para cima, dando ênfase na relação entre os personagens. De acordo com Rozzo (2015) esse é um plano que inclui várias características significativas do personagem, determinando um relacionamento entre o tema e o ambiente.

O plano conjunto é o plano que comprehende dois ou mais personagens. Duarte (2002, p. 401) utiliza-se do filme brasileiro “Eu, tu, eles¹¹” para exemplificar um belíssimo plano conjunto: “Waddington apresenta a sequência final de Eu, tu, eles, mostrando espacialmente o “quadrado amoroso” composto por Darlene e seus três maridos, cada uma das personagens ocupando, fisicamente, um dos lados da figura, diante da casa em que residiam”.

O plano americano nasceu nos filmes de faroeste, pois este é um enquadramento perfeito para as cenas de duelo e de ação. Cruz (2011, p. 71) afirma que esse plano “Introduz o personagem que domina a cena, geralmente é mostrado do joelho para cima”.

O plano detalhe foca em um pequeno detalhe, uma parte do corpo do personagem, como por exemplo, a orelha, os olhos, ou em um objeto específico que pode ou não estar no corpo do personagem. O plano detalhe serve para criar impacto ou simbolismo sobre determinado objeto. Também serve para criar um mistério ou surpresa, mostrando apenas o essencial ao assunto (ROZZO, 2015).

O primeiríssimo plano é da linha do ombro para cima, é um plano com um grande valor expressivo, pois mostra o rosto inteiro do personagem, dando ênfase as expressões faciais do ator. Como caracteriza Duarte (2002, p. 402) “Para mostrar um longo beijo, com o rosto dos amantes ocupando toda a tela ou o close de uma navalha cortando um globo ocular (como em O cão andaluz de Luis Buñuel), os cineastas recorrem ao que se convencionou chamar de primeiríssimo plano”.

1.2.3 Edição e montagem

A edição e a montagem podem ser caracterizadas como a maneira que o filme será contado. Após termos todas as filmagens de uma obra cinematográfica nas mãos, precisamos decidir o que fazer com elas, como construímos uma narrativa visual com as imagens e sons que captamos, e como vamos “juntar as peças” dessa história. É nesse ponto que entram duas técnicas: edição e montagem. Primeiramente é necessário diferenciar esses dois termos. Belotti (2015) no vídeo “Cinema: termos e técnicas” gravado para o seu canal, afirma que “Montagem é a arte de reunir planos e edição é a sequência de cortes que interligam esses planos”.

A montagem é um processo de criação, é nela que passamos a dar sentido, composição, ritmo e dinamismo para os planos e sequências de um filme. Betton (2003, p. 132) caracteriza a montagem como “organização dos planos de um filme em certas condições de ordem e de duração”. Ou seja, a montagem é a maneira como os planos do filme se interligam, ela determina quando começa e quando termina um determinado plano. A montagem é o processo em que se organizam os materiais, criando uma estrutura narrativa, considerada como um processo de criação muito importante para o filme. Duarte (2002, p. 516) usa o filme “O encouraçado Potemkin”¹² do diretor Sergei Eisenstein para exemplificar um bom trabalho de montagem.

¹¹ Filme nacional de 2000 dirigido por Andrucha Waddington e conta a história de uma mulher que vivia com três maridos. O longa foi indicado em várias categorias do Grande Prêmio Cinema Brasil e venceu nas categorias: Melhor filme, melhor atriz (Regina Casé), melhor montagem e melhor fotografia.

¹² Filme de 1925 dirigido por Sergei Eisenstein. O roteiro foi escrito por Nina Agadzhanova e conta a história real de uma rebelião que ocorreu em 1905 no navio Potemkin.

Em *O encouraçado Potemkin* (apontado por alguns críticos como o melhor filme do mundo), Eisenstein intercala, em poucos segundos, várias dezenas de planos de um mesmo movimento dos atores, combinados de modo a evidenciar choques e tensões e cria uma realidade muito mais densa e profunda do que aquela que é produzida por câmeras fixas e montagens lineares.

Sergei Eisenstein¹³ é um grande nome do cinema, e um dos maiores teóricos que discute a respeito da montagem. Em seu livro “*O sentido do filme*” ele discute e analisa a montagem, suas características e importância para uma obra cinematográfica. Eisenstein (2002, p. 13) classifica a montagem como “Um componente tão indispensável da produção cinematográfica quanto qualquer outro elemento eficaz do cinema”. Para o cineasta Russo, a montagem tem papel fundamental na construção de “Uma narrativa que contenha o máximo de emoção e de vigor estimulante”. Em outras palavras, a montagem é vista por Eisenstein como um elemento indispensável dentro de uma obra cinematográfica e um ato criativo, que dá sentido a narrativa. Para ele, a montagem é capaz de dialogar com outros elementos do filme. Benjamin (1985, p. 178) de acordo com os argumentos de Eisenstein afirma que o cinema como arte só nasce no instante de sua montagem, na qual “Cada fragmento é a reprodução de um acontecimento que nem constitui em si uma obra de arte, nem engendra uma obra de arte, ao ser filmado”.

A edição, por sua vez, pode ser caracterizada como a essência de um filme. É a partir dela que se elimina o que é considerado desnecessário para o filme, juntando as cenas de maior relevância e intensidade da obra. A edição é vista como um processo de “colagem”, pois a prática da edição consiste em juntar pedaços do filme.

Em outras palavras, é o editor que irá pôr em ordem todas as “peças” do filme, definindo a seleção, o comprimento e o sequenciamento de cada plano, construindo uma narrativa coesa, que tenha um bom ritmo, e consiga de fato passar ao telespectador o significado do filme.

1.2.4 Som

A música é um dos elementos indispensáveis na criação de uma obra cinematográfica, não apenas a música, mas também os vários componentes sonoros que permitem ampliar a capacidade de criação de um filme. Gutierrez (1978, p. 90) afirma que “O som enriquece e às vezes modifica o significado de uma imagem filmada. Por exemplo, ao conjugar-se com imagens os sons se carregam de um significado que, sozinhos, não teriam.”

Os sons presentes em uma realização audiovisual podem destacar as emoções e sentimentos dos personagens, além de provocar no telespectador as mais variadas sensações: tristeza, alegria, choro, riso, entre outras. Os ruídos, a música, o barulho, a trilha sonora e até mesmo o silêncio podem passar variadas sensações a quem assiste uma determinada obra. De acordo com Duarte (2002, p. 493) “A música participa intrinsecamente da configuração do ambiente emocional do filme e interfere no modo como percebemos os diferentes momentos dramáticos (perigo, suspense, tensão, ternura etc.) da história que está sendo contada”.

Nos primeiros anos do cinema, o som ainda não existia dentro da produção cinematográfica, o cinema era considerado mudo. Apesar disso, alguns autores afirmam que mesmo na época em que o cinema era considerado mudo o som já estava presente em algumas obras. Certamente, o poder de uma imagem em movimento pode nos possibilitar uma sensação sonora, conforme argumenta o autor acima.

¹³ Sergei Eisenstein foi um grande cineasta soviético. Foi participante da Revolução de 1917 e do movimento de arte e vanguarda russa. Eisenstein serviu de inspiração para vários futuros cineastas devido a suas pesquisas inovadoras sobre montagem. O primeiro filme de Eisenstein foi “A grave” produzido em 1924. “O encouraçado Potemkin” é considerado a sua obra prima e um dos filmes mais importantes da história do cinema.

Em 1927 com a criação do filme “*O cantor de Jazz*” primeiro filme “falado” da história do cinema, muitos críticos e diretores de cinema hostilizaram a ideia da inserção do som no cinema. Para a surpresa de muitos, o público reagiu positivamente a essa nova mudança na linguagem cinematográfica.

Muitos autores começaram a defender a utilização de elementos sonoros no cinema, alegando que esses efeitos sonoros davam muito mais profundidade a um filme. O crítico de cinema e compositor Michel Chion (2011, p. 14) foi uns dos principais teóricos a discutir sobre as relações entre o som e o cinema. Para ele, a música é capaz de criar um sentimento específico em relação a uma determinada cena.

Para exemplificar a fala de Chion, podemos utilizar alguns filmes como exemplo. Na obra de Steven Spielberg, “*E. T – O Extraterrestre*”¹⁴ de 1983, na sequência em que as crianças carregaram o E.T em uma pequena bicicleta, atravessando o céu, com a imagem de uma grande lua atrás, a trilha sonora potencializa a sensação de aventura, tocando e emocionando o telespectador profundamente, colocando-o dentro da cena, e o fazendo vivê-la através da mistura de som e imagem em movimento. O filme foi o vencedor do Oscar nas categorias: Melhores efeitos sonoros e melhor som. Outro filme, indicado ao Oscar de Melhor trilha sonora, que pode ser usado como exemplo é “*Taxi driver*”¹⁵ de 1976 dirigido por Martin Scorsese. Sobre a trilha sonora de *Taxi driver*, Baptista (2007, p. 88) enfatiza que a música do filme “Consiste de duas notas em crescendo e decrescendo orquestrada nos metais e nas percussões e repetidas algumas vezes com variações - simboliza e resume o estado de pressão do personagem principal, o chofer de táxi Travis Bickle”. Em síntese, a trilha sonora de *Táxi Driver* retrata exatamente o sentimento central da narrativa. Ou seja, a música ajuda a contar a narrativa, assim como passar para o telespectador as principais sensações do personagem principal.

Por outro lado, Duarte (2002, p. 505) faz uma ressalva quanto ao uso incorreto desse elemento de significação, afirmando que “Pode ser usado de forma descaradamente manipuladora, ou seja, com o intuito de tentar “forçar a emoção” do espectador, tentar “obrigá-lo” desse ou daquele modo, para que a narrativa “funcione” como o planejado”. De acordo com essa afirmação da autora, podemos analisar que nem sempre a música é utilizada de maneira correta. Empregar a música como uma simples ferramenta de manobra para tentar forçar reações do telespectador pode acabar empobrecendo a obra. A música deve ser implícita no filme de maneira sutil, ela deve fazer parte daquela história e dialogar com a narrativa do filme, transformando-se em algo perceptível e belo, sem parecer um apelo emocional.

Dessa forma, o trabalho do compositor deve respeitar ambas as linguagens, tanto a linguagem musical como a cinematográfica. É necessário que ele conheça a narrativa do filme, e assim crie algo que se encaixe com a trama. Para que isso ocorra também é necessário que o autor esteja em constante comunicação com o diretor do filme, que é responsável por todos os processos artísticos de um filme.

Para concluir, vale ressaltar a importância de dois efeitos sonoros: os ruídos e o silêncio. Os ruídos são classificados como sons que não são claramente musicais ou linguísticos. Esse efeito sonoro pode ser usado como um elemento realístico e criativo, que pode trazer a obra maior profundidade e naturalidade. Bernardet (1996, p. 47) alega que “A gente vê a fonte de ruído na imagem ou sabemos que ela está por perto, de forma que os sons não nos aparecem como elementos de linguagem, mas como dados naturais”.

¹⁴ Filme de 1982 dirigido por Steven Spielberg. O longa de ficção científica foi a maior bilheteria da história do cinema durante 11 anos. O filme venceu o Oscar de Melhor trilha sonora, melhor efeitos especiais, melhores efeitos sonoros e melhor som. A trilha sonora composta por John Williams também foi premiada com um Globo de ouro um Grammy na categoria melhor trilha sonora composta para um filme e um BAFTA. *E – O extraterrestre* foi classificado em sexto lugar entre os cem melhores filmes de todos os tempos pela American Film Institute's.

¹⁵ Filme de 1976 dirigido por Martin Scorsese. A biblioteca do congresso dos Estados Unidos da América considerou *Taxi driver* como “cultural, histórica e esteticamente significante”. O filme recebeu quatro indicações ao Oscar: melhor filme, melhor trilha sonora, melhor ator e melhor atriz coadjuvante. Foi vencedor da Palma de Ouro do festival de Cannes.

O silêncio também pode servir como um ótimo recurso dramático. Schafer (2001, p. 355) assevera que “Quando o silêncio precede o som, a antecipação nervosa o torna mais vibrante”. Ou seja, o silêncio também é um elemento muito importante, que se usado corretamente, é capaz de potencializar as sensações do telespectador. O silêncio é usado para criar no público diferentes tipos de sensações, como por exemplo, medo, surpresa, angustia, perigo, suspense, tensão, entre outros. Além disso, uma música ou um efeito sonoro pode se tornar mais marcante se for seguido de um minuto de silêncio. Em certos casos, a ausência do som ou de alguma música pode ser a melhor decisão para a realização de uma determinada cena ou sequência.

1.2.5 Figurino e maquiagem

O figurino e a maquiagem são elementos fundamentais numa obra cinematográfica e não podem ser desvalorizados. Ambos são necessários para criar a essência dos personagens, dando personalidade e características a cada um deles. Além disso, o figurino e a maquiagem servem para criar um design visual para a história que será contada.

O figurino nada mais é do que as roupas que serão utilizadas pelos atores do filme. Torres et al (2013, p. 64) alega que “O figurino de um personagem é o personagem, não são apenas detalhes, roupas e acessórios, mas sim um conjunto de elementos essenciais para a sua construção socioespacial, como ele se encaixa no mundo, até como ele se encaixa dentro dele mesmo.” Dessa forma, podemos observar que o figurino é um elemento capaz de enaltecer características importantes do personagem, assim como os seus traços de personalidade.

No livro “*Linguagem cinematográfica*” Martin Marcel classifica três tipos de figurino no cinema: realista, para-realista e simbólico. Os figurinos realistas segundo Martin são aqueles que estão de acordo com a realidade histórica. Os figurinos para-realistas são feitos quando o figurinista deseja transmitir ao público uma moda de época de forma elegante e com exatidão, como o figurino do filme “*Os sete samurais*”¹⁶ de Akira Kurosawa. E por fim, os figurinos simbólicos não priorizam a exatidão histórica, mas sim a tradução simbólica de caracteres, tipos sociais e os estados de alma. (MARTIN, 2003).

A maquiagem por sua vez, desempenha um papel muito importante na construção do personagem, é ela quem dará realismo ao intérprete e um toque a mais de autenticidade para o filme. Dessa forma, a maquiagem é muitas vezes um elemento indispensável em uma produção cinematográfica, e ajuda a criar personagens icônicos que serão eternizados em nossas memórias. Recentemente, o ator Gary Oldman ganhou o Oscar de melhor ator pelo filme “*O destino de uma nação*”¹⁷. No Longa, o ator interpreta o político Winston Churchill e um dos elementos que ajudam o ator a dar mais fisicalidade ao personagem é o trabalho de maquiagem realizado. O filme também foi premiado na categoria melhor maquiagem.

¹⁶ Filme japonês de 1954 dirigido por Akira Kurosawa. Conta a história de Kambei, um velho samurai que é contratado para proteger uma aldeia que sempre é roubada por bandidos. Junto a Kambei outros sete samurais o ajudam a treinar os moradores da aldeia para que resistam a um ataque que acontecerá muito em breve. O longa recebeu duas indicações ao Oscar nas categorias Melhor direção de Arte e melhor figurino.

¹⁷ Filme de 2017 dirigido por Joe Wright. Conta à história dos primeiros dias de Winston Churchill como primeiro ministro do Reino Unido. Além do Oscar de Melhor ator e melhor maquiagem o filme foi premiado com um Globo de ouro na categoria Melhor ator.